

A CASA TOMBADA

FACONNECT- FACULDADE CONECTADA

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
GESTOS DE ESCRITA E PRÁTICAS DE RISCO

**Suzana Rievers Buccalon**

**NÓS NA CRIAÇÃO**

**um caminho**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à A Casa Tombada,  
como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título  
especialista em Pós- Graduação Lato Sensu – Gestos de escrita e  
práticas de risco orientação de Ângela Castelo Branco e Mariana  
Galender

SÃO PAULO  
2022

## **Resumo**

Aqui tem uma escrita fragmentada, quebrada, cheia de nós, idas e vindas. Uma andar com palavras e imagens. Um começo de um gesto artístico.

Palavras chave: pés, nós, escrita, imagens-bordadas, imagens-fotografadas

*Seu silêncio não vai proteger você  
Audre Lorde*

*Leda Maria Martins*

*O gesto é a poesia do ato.  
Jean Galard*

E se eu tirar da minha cabeça que eu não sei escrever?  
E se eu tirar os silêncios do corpo?  
E se eu escrever?

eu quero muito  
compor decompor  
colocar as palavras num caderno, num tecido, numa tela  
eu preciso de uma escrita para que os pés e as mãos fiquem bem  
eu só quero continuar, continuar, continuar  
ficar contigo  
no ar  
na terra

Quando começou esse desejo?

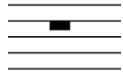
Foi quando me dei conta  
que estava aqui dentro  
sozinha  
no centro de uma grande cidade  
no 23º andar  
em um apartamento  
repleto de livros fotos plantas

foi só assim

papéis desenhos lápis

foi só assim

piano



violão

foi só assim

memórias  
desmemórias  
medo  
dor

foi assim que  
senti vontade  
de estar com pessoas

Como assim?

lá embaixo  
silêncio  
silêncio das máquinas  
gritos  
gritos  
e mais gritos  
das bocas famintas  
das ruas de uma grande cidade

berravam de manhã  
berravam de tarde  
berravam de noite  
e nas madrugadas  
*o silêncio das línguas cansadas*

foi só assim  
que fui chegando  
nas palavras  
aquelas  
presas na garganta  
querendo ser cuspidas, vomitadas

foi só assim  
que foi chegando  
uma palavra derretida  
uma palavra voadora  
uma palavra acolhedora  
uma palavra cicatriz

Cicatriz é sinal de cura?

palavras  
rodopiando saltando  
querendo inventar

palavras  
de tanta gente  
minhas

então, só então  
cansada, triste, paralisada  
olho através do vidro

E lá fora?

as plantas estavam voltando ao verde

E você?

Eu? não, agora não

só quero o olhar



entre  
estou laçando palavras

frestas-imagens  
vidas velhas

entre  
estou laçando palavras

folha-flor  
aos pedaços  
nos pés-mãos



entre  
estou laçando palavras

frágil-forte  
lugar de sossego

entre  
estou laçando palavras

veias-quentes  
se arriscam  
pelo chão



entre  
estou laçando palavras  
borrão-de-ventania  
pede silêncio



entre  
estou  
lançando  
palavras  
folha-flor

Como se lança palavras?

Laça do que já foi falado, escrito,  
sentido

O comum é serem lançadas na minha direção  
Quando abro uma página qualquer  
de um não qualquer livro  
elas saltam, são arremessadas  
nesse momento acontece uma conversa íntima entre mim e quem escreveu

Como se lança palavras?

Lanço um passo  
pés doem, desequilibram

Lanço um ponto  
mãos dançam

Lanço uma nota musical  
voz sorri

lançar lançar lançar  
todo santo dia  
lançar ritmado  
lançar melodioso  
lançar harmonioso

por um fio não me arrebento  
por um fio não me parto

por um fio parto  
por um fio não desisto  
por um fio encontro  
por um fio  
fico mais tempo por aqui

*“O Espírito de Deus paira sobre as águas...”  
Sobre o meu, pairavam estas flores  
e sou mais forte que o tempo  
Flores Adélia Prado*

Meu coração dispara e um buquê de flores é lançado pelas mãos de Adélia  
e eu nem sabia que essas flores ficariam comigo  
durante todo o trajeto de riscos e rabiscos.

pontos de dores nos meus pés  
me levaram para alguns vazios  
uns a espera de ser descobertos  
outros cobertos

alguns pedindo silêncio  
outros pedindo colo

entre um vazio e outro  
brechas pediam um pouco de alegria  
entre um vazio e outro  
fragmentos escritos chegavam  
pelas minhas mãos  
e isso já era uma alegria  
alegria-doída  
das ruínas cheias  
de fragmentos vividos

Era uma alegria  
ou apenas instantâneos fotográficos  
que revelavam os instantes?

Ainda não sei.

Durante toda a trajetória em busca de pequenas alegrias  
os fragmentos do corpo vão desvelando

a escrita não vem sozinha  
ela chega quando olho uma imagem fotografada  
enquanto bordo um desenho confuso  
durante um sonho  
por uma canção  
uma poesia

Dou uma pausa para falar de três mulheres com quem me encontrei constantemente durante esses dois anos.

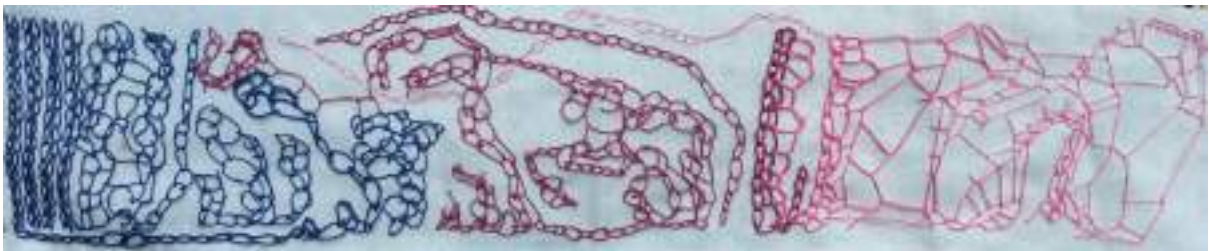
Leda Maria Martins -  
poeta, ensaísta, dramaturga, professora brasileira,  
conheci durante uma aula. O sentimento foi de quero mais.  
Ouvi-la por mais tempo.  
Suas palavras escritas foram desenhadas mesmo antes de terem sido lidas.  
Ela me mostra o meu espiralar no bordado, na voz, no andar.  
Descubro que as temporalidades são curvas, nunca lineares e que  
estamos sempre indo e voltando

*Poesia é tempo.  
Tempo como ritornelo,  
disperso em uma espacialidade rítmica*

Maria Gabriela Llansol - escritora portuguesa -  
me faz caminhar,  
gostar dos nós voláteis do meu corpo

*Não desejo pensar conceitos mas fazer nós voláteis de imagens, pensamentos,  
fascínios e sinais que me permitam, hoje, caminhar e gostar do meu caminho*

Hélène Cixous, escritora francesa, solta minhas correntes



Ao reler

*Felizes somos nós, as omissas,  
as apartadas do palco das heranças,  
nós nos inspiramos,  
e nós nos expiramos sem ficarmos ofegantes, estamos em todo lugar!  
Nós...*

noto e anoto os grifos, desenhos e perguntas que faço ao meu corpo  
Corpo esse que só se acalma quando  
pego retalhos de tecidos, restos de linhas, agulha e bordo

bordo  
correntes apertadas amontoadas  
correntes pequenas grandes  
correntes saltando

traço o movimento  
estendo os fios

estico  
a linha na mão

encontro  
um amor

Quem é esse amor?

Não sei

Ouçõ alguém dizer

respira fundo, Mulher  
inspira  
expira  
inspira  
expira

vá com  
sua carne  
vá com  
sua voz  
vá com  
sua força  
junte-se  
a todos os nós  
vá  
com todas nós

Seriam poemas o que penso ser palavras soltas, fragmentos  
de pensamentos?

Não sei.

*o que será que me dá  
que me bole por dentro será que me dá  
O que será (À flor da pele) Chico Buarque e Milton*

Aqui dentro  
Tem um nó na garganta  
aqui dentro  
sinto uma voz nascendo

Como nasce uma voz?

a sua voz eu não sei  
sei da minha  
não sabia  
mas agora sei  
  
nasce nos pés

ao caminhar  
simples assim

vai subindo, subindo  
até chegar na barriga  
onde às vezes  
dá um frio  
um calar frio  
chega  
dói

sobe mais um pouco  
chega no peito  
dá um aperto  
chega nas costas  
arripia  
chega na garganta  
um tremor descontrolado

mas é só lembrar  
inspira  
espira  
a voz  
vai acalmando  
a voz  
recusa-se travar  
a voz  
vai acalmando  
a voz revela-se  
mesmo com nós

O que tem feito com tantos nós?

Às vezes  
é preciso uma menina no seu caminho  
para desenrolar os emaranhados de linhas  
esquecidas numa caixa  
guardada numa gaveta  
de uma escrivanhinha  
num quartinho

Às vezes  
é preciso uma menina no seu caminho  
para desamassar pedaços de tecidos e moldes de roupas de uma vida

Remexer, abrir, arejar  
pedaços de lembranças tortas e empoeiradas

Soltar a palavra dor

Deixar o sol entrar  
Respirar o novo



aqui tem um  
corpo-linha

aqui tem gente falando dos meus pés  
e como é bom se deparar com o olhar do outro

o tecido é a base da escrita, do sangue, dos pés  
os dedos escrevem palavras de dor, de formigamento

a linha vermelha costura pé e borda tecido  
a linha vermelha no emaranhado dos dedos  
a linha vermelha é sangue que pulsa de dentro  
acordando pra fora  
a linha vermelha formigando esses pés  
pés costureiros de tantas  
histórias pisadas

aqui tem  
um ensaio  
nascente  
de uma escrita caótica



O tecido aquecendo o colo vai trazendo um sossego  
A mão calma escolhe a cor da linha, a agulha e sai traçando seus rabiscos

As linhas vão girando no tecido, traçando desenhos sem moldes riscados  
num fim de tarde ao som de Milton

O tempo para

De tanto lembrar  
o esquecer chega  
com um alívio desse existir

Tenho dois pés  
cheios de nós  
subo e desço  
ladeiras

de lá pra cá  
acalanto o canto  
dançando a dor  
nos pés da flor

Tenho dois pés  
com dor  
contorno o chão  
esburacado  
quebrado  
sujo

tocar o limite da dor  
é tocar o som da cura

Tenho dois pés  
piso nas areias  
gramas  
terras

a corda arrebenta  
quando o corpo acorda

Tenho dois pés  
desfruto do andar



Mais imagens  
Mais canções  
do que palavras

São tão necessárias assim?

preciso das imagens  
preciso das canções  
antes ou depois da escrita

Sempre fui com a música  
Estou indo com o bordado  
Já é tempo de escrever  
se deixando ir pelo ar

Tecido  
encoste em mim  
aqueça o chão frio  
me diz o que fazer

mostre por onde ir



Minha voz é vermelha  
vermelha como o sangue quente  
rodopiando pelo corpo  
voz  
morna  
grave  
redonda

estar no aberto  
sustentar o aberto  
é uma vontade que chegou a pouco  
é um querer ser diferente  
um jeito de ter calma



H O R I Z O N T A L I D A D E

UM RISCO DE UNIÃO

ALEGRIA \_\_\_\_\_ AQUI

MEDO \_\_\_\_\_ LÁ

DOR \_\_\_\_\_ FOI

LUZ \_\_\_\_\_ MORNA

AZUL \_\_\_\_\_ CHEGADA



Tenho sentido falta de algo que não vivi  
de algo que não tenho lembrança  
tenho sentido saudade do mato, da terra, das árvores

Bordei para matar a saudade ou bordei a saudade?

*Eu quero uma casa no campo  
onde eu possa ficar do tamanho da paz  
Caso no campo - Zé Rodrix*

Palavras chegam  
não tem como não ouvi-las,  
elas vão saindo pela boca  
gravo  
transcrevo  
reescrevo  
tiro  
coloco  
troco  
faço silêncio

Bando

O que é o bando?

ban·do é

*substantivo masculino*

1. Grupo de pessoas para um fim comum.
2. Grupo de pessoas vindas de diferentes lugares que se encontra toda semana para se arriscar na escrita em uma Casa Nuvem
3. Nós cheios de nós a procura de nossos gestos de vida

O Bando

somos nós

O que o Bando quer?

uma casa  
mas acaba chegando nas nuvens  
cada um do bando  
quer um pouco de sossego

para ouvir seus gestos

e ele sabe que voltará  
para a terra

quando coloca os pés no chão  
ele sente a terra  
pulsando

ele sente a terra  
com dor  
pedindo cuidado, carinho  
O Bando sabe que a terra está doente  
e que terá de aprender a andar novamente  
dá um passo  
dá outro passo

e vai caminhando  
vai semeando, curando

juntos o bando vai se curando

ela não é 100%  
mas se mexer  
é um caminho  
por isso ele pisa na terra  
e caminha

agora  
com os pés no chão  
ele não quer qualquer casa  
Tem que ser A Casa  
um lugar de cuidar  
de cada canto  
de cada um  
do bando

Ouçõ uma mulher  
falar sobre vestígios  
a carne do meu corpo solta do osso  
treme o peito  
a cabeça gira  
preciso esticar as costas  
alongar as pernas  
levantar

a garganta vai secando com uma força estranha  
quero falar, a voz não sai  
quando o ar está quase no seu final  
desaguo  
perco o equilíbrio  
não consigo ficar parada

as lágrimas vão me aguando

O corpo pede que eu faça gestos grandes  
rasgue tecidos, papéis  
borde, fure o tecido, estique as linhas,  
dê nós, solte e aperte os pontos

tenho que escrever  
sobre os vestígios de um outro alguém do Bando  
não sinto a mínima vontade,

começo a andar pela sala  
acabo parando nos vestígios da minha mãe

Pra que servem os vestígios?

estou tentando descobrir  
algo que já se foi  
uma memória pela metade

Se está pela metade,  
não é melhor deixar engavetada?

abro as gavetas  
agradeço cada pedaço de pano  
moldes  
linhas  
agulhas  
que passaram pelas mãos da bisa, da vó, da mãe

vou brincar com eles  
inventar moda

a mãe costumava dizer: pára de inventar moda, menina

mãe, sinto muito  
mas eu quero inventar moda sim  
vou criar, recriar, reformar

Na boca do pai  
nasci estranha  
nasci esquisita

na minha boca  
nasci falante  
nasci curiosa  
nasci do avesso

*O que vale na vida  
não é o ponto de partida e sim a caminhada.  
Cora Coralina*

Estou da fazenda de um serra  
Não conheço ninguém  
Venho para caminhar entre as árvores  
Estou sem energia  
O local é lindo  
inspira o caminhar com  
pontos, laçadas brancas em tecido preto  
Lanço o ponto de partida e muitos outros vão chegando

É o que consigo naquele momento

Não é que Cora estava certa  
caminhar é o que vale nessa vida  
caminhar com os olhos, com as mãos  
no final com os dois pés

O que vem depois do final?

o começar de novo, e de novo, e de novo  
um sempre novo

*é tão tarde  
a manhã já vem  
todos dormem  
a noite também  
Acalanto - Dorival Caymmi*

dorme em paz, filha  
fica tranquila  
o dia foi bom

olha o quanto foi desenhado, desejado,

o quanto foi sonhado nesse tempo do agora

dorme filha, é hora de descansar  
amanhã terá mais tempo para  
acabar o que ficou inacabado  
começar o que nem sempre será acabado

dorme filha,  
dorme com uma canção de Mozart, Beethoven, Milton, Bobby

dorme filha,  
amanhã terá muito  
por vir

procure o silêncio  
o calor da noite  
encontre o sossego  
no sonho dessa noite

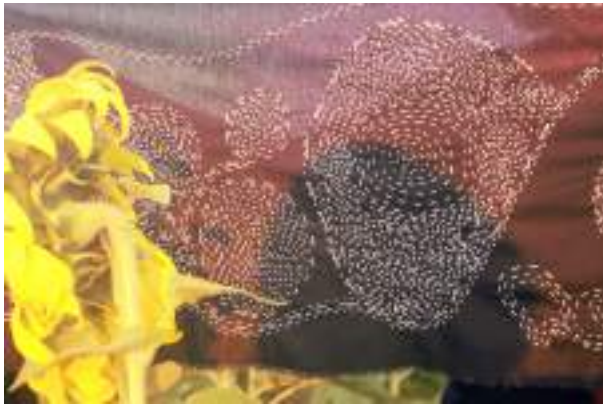
Nós da criação  
Quem está a escrever aqui e agora?  
Eu? o outro?  
Ou o outro eu?

Foram tantos desvios, foram tantas perfurações no  
corpo-alma - Será que terá volta?

Ponto final não cabe nessa escrita  
o jeito é continuar  
riscando  
se arriscando  
andando  
cantando

*Não sei definir minha satisfação...  
e no entanto a sinto,  
Não sei definir minha vida....  
e no entanto a sinto.  
Walt Whitman*

Ensaio fotográfico de um bordado



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo, 2022.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. São Paulo. Global, 2013.

GALARD, Jean. **A beleza do Gesto: Uma Estética das Condutas**. São Paulo. Edusp, 2008.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**.

Rio de Janeiro. Cobogó, 2021.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Inquérito às Quatro Confidências:Diário III**. São Paulo. Autêntica, 2011

PRADO, Adélia. **O coração disparado**. Rio de Janeiro. Record, 2014.